

**Notas para a história do Centro Dom Vital**  
(Especial para "A Ordem")

I

ALCEU AMOROSO LIMA

Agora que o Centro Dom Vital pousou em casa própria, graças à generosidade de alguns amigos, para daí levantar novos vãos, é bom que se lance um olhar sobre o passado. Não para nos comprazermos, farisàicamente, no que já foi feito. Ou para lamentarmos épocas mais brilhantes de nossas atividades. Ou mesmo para chorar os que foram ficando à beira do caminho. Nada disso. Apenas porque a noite vai chegando. E quando chegar de todo já teremos, quem sabe, deixado que voem as lembranças do passado e com elas alguma coisa de importante para a história religiosa de nossa geração. Não que tenhamos a intenção de a escrever. Muito menos essa história do catolicismo no Brasil, empresa a que ainda ninguém ousou lançar-se, mas que um dia terá de ser feita, pois enquanto não se fizer, de modo completo e objetivo, será vão todo propósito de escrever a história de nossa terra e de nossa gente. O que desejo, nestas reminiscências do Centro Dom Vital do "meu tempo", é deixar apenas um depoimento, como o cronista trabalha para o historiador. Não é outra a pretensão destas notas à margem de uma instituição, que recebi das mãos dos companheiros de Jackson de Figueiredo, oito dias depois de sua morte, ocorrida, como se sabe, a 4 de novembro de 1928.

Quinze dias antes, — no mesmo escritório onde me foram procurar Hamilton Nogueira, Durval de Moraes, José Carlos de Melo e Souza, José Vicente de Souza, não me lembro se alguns mais, à rua Visconde de Inhauma esquina de

Candelária — Jackson se havia despedido de mim, à beira da escada, dizendo num daqueles rasgos proféticos tão comuns em sua estranha vida de iluminado: "Agora posso largar o Centro nas mãos de vocês e recolher-me para escrever a minha obra"!

Aquele "agora" referia-se ao que acontecera a 15 de agosto do mesmo ano, na igreja de Santo Inácio, das mãos do Pe. Leonel Franca, S.J., depois de anos de um diálogo epistolar em que fiz o possível para resistir, como se a luz me fizesse mal aos olhos, acostumados demais à delícia das cores indistintas.

Quando podia eu imaginar que, quinze dias depois teria de enfrentar um convite que era como uma imposição e uma escolha vinda de um morto, e de um morto naquelas circunstâncias. Ainda não havia voltado bem a mim do choque de Agosto, que ocorrera sem nenhuma daquelas "consolações sensíveis", que a violenta irrupção da Luz traz consigo a muitos espíritos. A evidência da Verdade se impureza como um caminho difícil a trilhar, sem nenhuma compensação e pelo contrário, com a exigência de uma série de abandonos, cada um mais penoso que outro. A Luz se apresentava como uma sombra! Longe de ser a saída do túnel, parecia a entrada, em outro muito mais sombrio, que eu divisava indistintamente em minha frente! A Luz de Deus não é como a luz dos homens. Esta facilita a marcha, afasta os obstáculos, mostra os abismos. Aquela ofusca, cega (como cegou S. Paulo) e para os medíocres, então se apresenta por vezes como uma catástrofe, como uma prisão, como uma condenação à morte. É realmente uma condenação à morte, mas de tudo o que nos parecia antes ser a vida. É a morte do homem velho. É a morte do passado. É a morte do pecado. Ou pelo menos é o tremendo despertar da consciência do pecado. É o abandono dos companheiros. Era, naquele momento, o que chamei de "adeus à disponibilidade", e que só Deus sabe como era doloroso. Uma verdadeira amputação. Não me lembro, em toda a minha vida, salvo porventura em certos minutos durante um dos meus con-



curiosos, de momento de dor moral mais cruciante, do que êsse encontro com a Verdade e sua tremenda exigência de um Tudo-ou-Nada, de um Vem-ou-Fica, sem nenhuma compensação, sem nenhum consólo, diria mesmo, se não fosse o temor da incompreensão, mas vou dizendo porque sei que me compreendem — sem nenhuma esperança. A Verdade estava diante de mim, como outrora a Beleza, nos versos de Baudelaire: "Et jamais je ne pleure. Et jamais je ne ris". Era uma verdade implacável que me barrava o caminho, como aquela "Máquina do Mundo" a que se refere o Poeta, e impunha uma opção sem condições, sem consolos, sem meios termos, sem promessas, sem música e sem poesia de espécie alguma. Uma verdade implacável, jansenista, nua, impiedosa. Obedeci — "la mort dans l'âme". Hoje, sei que fiz o que devia. Trinta anos depois, tudo aquilo que me parecia inumano se transformou no próprio sentido profundo da natureza humana e especialmente da Misericórdia Divina. Naquele momento, porém, não era o Amigo que me chamava. Era, ou pelo menos eu julgava que era, um Estranho. Apenas, um Estranho que trazia consigo o segredo da Verdade. E que era preciso seguir, fôsse como fôsse, doesse o que doesse, ao preço de todos os abandonos. Foi o que fiz. E nunca, nesses trinta anos quase já passados, tive um instante de arrependimento. Ao contrário. Foi êsse o único momento de uma vida incolor em que aconteceu, para sempre, alguma coisa. E é disso que continuo a viver. E um mundo de Paz e de Alegria, água pura e de amparo em tôdas as vicissitudes da vida, ia nascer daquele minuto de mergulho na sombra, guiado pela evidência inelutável da Verdade, contra mim mesmo. Foi a submissão ao Estranho, uma entrada no túnel, sem nenhuma reserva. O abandono total do passado e da doçura de viver. A Entrega absoluta a Deus.

Era tudo isso, — que muito palidamente e depois de tantos anos passados as palavras mal podem reproduzir, — era tudo isso que eu acabara de viver entre agosto e novembro de 1928. A morte de Jackson fôra um novo terremoto, num ter-

reno já tão abalado. Foi a partida do guia que nos levara ao encontro da figura implacável, cuja doçura só mais tarde começaria a descobrir. Foi como que um novo abandono. Ele me levara ao Encontro. E logo depois me deixava só, diante do Desconhecido, num país cuja língua eu ainda mal aprendera a falar. Esse sentimento de absoluta solidão era o que então me dominava, quando o grupo dos amigos de Jackson e apenas vagos conhecidos meus, entrou pelo meu escritório a dentro, na mesma sala onde, aliás, dois ou três dias antes, outra entrada já me causara a mais profunda impressão.

Não sou dado a coisas misteriosas. Não acredito em fantasmas, nem mesmo como Sancho Pança nas "Brujas". O natural, para mim, está tão impregnado de sobrenatural, que não saberia nunca dizer onde termina um e o outro começa. O mistério está no fundo das coisas mais evidentes, como a evidência no fundo dos mistérios mais transcendentais, como o da Presença Eucarística, em que cada manhã tocamos de perto o milagre dos milagres.

Mas naquele dia, vi entrar escritório a dentro, um rapaz pálido e desconhecido, que não bateu, não trazia apresentação de espécie alguma e veio a mim, sem ruído e sem surpresa, sem timidez nem arrogância, dizer-me que se chamava Wagner Dutra, que não chegara a conhecer a Jackson se não de longe, pois há muito rondava a Livraria Católica com vontade de se apresentar, que era mineiro, um pouco perdido no Rio e sempre pensando em voltar para as Gerais, e que a morte de Jackson o desnor-teara e vinha a mim porque sabia que o Jackson era meu amigo e muito concorrera para me trazer de volta à Casa Paterna. Tudo isso foi dito simplesmente, sem nenhuma ênfase, nenhum pedido, nenhum projeto, nenhum propósito senão o do abandonado que se aproxima de outro abandonado e só muito tarde vim a saber que Wagner Dutra gostava de ouvir conversas de mendigos e vivia realmente como um "mendicante", aliás não ingrato, mas no sentido de Bloy, pois o verdadeiro fiel é o que passa pela vida como um peregrino ou como um mendigo, isto é sem se prender a



nada. O golpe tremendo que eu sentira e de que ainda estava longe de ter convescido, era precisamente o de ter ouvido da boca impassível daquele Vulto estranho, que me forçava a abandonar o caminho antigo (o único que sempre me pareceu "la diritta via"), a notícia de que era preciso despedir-se de tudo e que a nossa condição era a de viajantes e não a de moradores. Verdade suprema, sem cuja compreensão creio hoje ser impossível viver, especialmente em uma época como a nossa. Somos todos "palmeiros" ou "palmeirins", como chamavam na Idade Média aos "romeiros" ou peregrinos.

Pois a entrada de Wagner Dutra em minha vida, — naquele prosaico escritório de uma empresa industrial, poucos dias depois do afogamento de Jackson e antes de termos encontrado o seu corpo em Maricá, já meio devorado pelos peixes — assumiu um ar de mistério, que me fez dizer à viúva de Jackson nesse mesmo dia: "tive hoje a impressão de receber um enviado de Jackson. Um rapaz pálido e silencioso, entrou em meu escritório como um anjo". Mal sabia eu que, durante quinze anos, esse pálido desconhecido ia representar na vida do Centro Dom Vital e na minha própria, um papel muito semelhante ao de um anjo da guarda.

Constrangido aceitei a presidência do Centro, que me era imposta como se fosse uma escolha "d'outre tombe". Um mês depois, nova catástrofe. O mar e o ar conluiados, na Baía de Guanabara, levavam para a morte um grupo de jovens cientistas brasileiros, que tinham ido a bordo de um avião receber Santos Dumont. Entre eles um cunhado e primo, o matemático Manuel Amoroso Costa, que era como que um irmão.

O ano de 1928 era realmente o de um terremoto em minha vida. E a presidência do Centro Dom Vital chegou a estas mãos, tão pouco nascidas para ela, através de abalos cismicos que mudaram radicalmente o rumo de uma vida, até então exclusivamente voltada para o sentido das realizações individuais e domésticas, e com um desdobramento no plano puramente literário, através do nascimento, nove anos antes, e no mesmo ano de minha primeira filha, de um pseudô-

nimo que nesse mesmo ano de 1928 hesitei em abandonar. Afinal não abandonei. Tive ímpetos de o fazer, para marcar realmente, e como um ato público, a ruptura entre duas épocas de minha vida. O Tristão seria o símbolo do homem velho. Seu abandono o sinal de uma nova era. Depois, pensei melhor. Não só seria dar importância demais a um acontecimento, que afinal só interessava a mim mesmo, mas ainda não representaria a verdade. O Tristão não era o homem velho. Este continuava a viver comigo, aí de mim! Continua até hoje. Carregamo-lo conosco até o túmulo. Temos de o vencer a cada dia e a cada hora. Nunca o deixamos à beira do caminho, em determinado momento. O Tristão não era o homem velho. Era eu mesmo. Nascera de mim, porque Deus quizera que nascesse. Era uma parte profunda de mim mesmo. Nem mesmo era o outro eu, um eu diferente, o eu literário, como houve quem o dissesse. Era uma parte indissociável de mim mesmo. Teria de carregá-lo, bem ou mal, comigo, até a morte. Não havia, pois, razão de o abandonar. Ao contrário. Devia levá-lo comigo nessa nova etapa, a mais difícil. Seria o companheiro das lutas e das alegrias, da nova vida, como fôra o da vida passada. Devia conservá-lo. Devia acompanhar-nos. Assim fiz. E com ele aceitei o encargo que os amigos de Jackson jogavam sobre meus ombros, "for better and for worse", nessa via tempestuosa que então começava. Era realmente o início de uma viagem. O 15 de agosto não fôra uma chegada. Fôra uma partida. Assim o sentia vivamente e daí a angústia, a incerteza, a dúvida, em vez da tranquilidade e da segurança que geralmente encontram na Igreja os que se convertem. Eu sentira, ao contrário, o temor dos riscos, dos horizontes, do desconhecido, da responsabilidade a enfrentar, do escuro, enfim. E agora, aceitando pela primeira vez, entre quase desconhecidos, num terreno novo, um encargo diferente de tudo o que até então fôra a minha vida, marcada pelo **privatismo**, — o que me vinha à garganta era realmente o que sentimos quando pela primeira vez nos jogamos n'água para nadar sôzinhos...